

Lao Tsu, filósofo chinês do século VI AC, disse o seguinte:

“Para haver paz no mundo, é necessário que as nações vivam em paz.

Para haver paz entre as nações, as cidades não devem se levantar uma contra a outra.

Para haver paz nas cidades, os vizinhos precisam se entender.

Para haver paz entre os vizinhos, é preciso que reine harmonia no lar.

Para haver paz em casa, é preciso encontrá-la em seu próprio coração.”

Hoje em dia é muito comum ouvirmos falar de paz. Porém, esta sempre vem associada somente à ausência de violência. Ainda é muito difícil refletirmos como Lao Tsu há quase três mil anos atrás já fazia.

Venho falar de uma paz construída dentro de cada um de nós, daí a extrema importância da Educação para os Direitos Humanos. Numa sociedade capitalista, individualista é muito difícil pensar no coletivo e dessa forma compreender que somos responsáveis pela construção dessa sociedade. Às vezes é fácil refletirmos sobre direitos, pois todos querem ter direitos, mas esquecem dos deveres. O estudo dos Direitos Humanos nos traz a questão de que o direito é inseparável do dever e, com isso, resgata a nossa posição de sujeito histórico-social. Quando cumpro o meu dever, garanto o direito do outro. Trazer essa reflexão para o nosso dia a dia, desmistifica o fato de ter que levar vantagem em tudo é bom, de que devemos nos dar bem a qualquer preço.

A Escola deve se preparar para trabalhar questões do cotidiano de nossas crianças, para que essas aprendam a lidar com situações de violência sem violência, praticando a cultura da paz, pela paz. Todos somos diariamente impelidos à ação e pelo que fazemos é que cada um de nós decide quanto ao próprio destino.

Nós, educadores, temos o dever de estimular os/as nossos/as alunos/as a praticarem a tolerância, a fraternidade, a solidariedade, no sentido de sustentar a paz. A melhor forma é sempre através do exemplo a ser seguido, por isso o professor deve vigiar sempre as suas atitudes em sala, com os outros colegas de trabalho, com os pais, a direção. Precisamos mostrar a eles/as uma outra leitura da realidade, que não está voltada para o “dinheiro fácil”; somos professores, ganhamos pouco, trabalhamos muito, mas acreditamos que pode ser diferente. Os alunos têm o direito de desfrutar de um ambiente escolar harmônico, onde reine a paz. Pode até parecer utópico, porém creio que são as utopias que movem o ser humano.

Nossas crianças são sujeitos históricos e sociais marcados pelas contradições da sociedade em que vivem e, muitas vezes, lhes falta discernimento para tomar uma atitude. Temos o dever de mostrá-lhes que somos constituídos na diferença, e por isso também há diferentes valores. E que é dialogando com a diferença que podemos nos tornar pessoas melhores, descobrindo caminhos mais legítimos, mais dignos para a convivência humana.

Em minha sala de aula, converso muito com meus alunos no sentido de que vivemos em um tripé: EU - O OUTRO - O MEIO. Devo observar as minhas ações de modo que essas não

prejudiquem nem a mim, nem ao outro, nem ao meio. Quando consigo agir dessa forma, ou seja, quando ajo na direção do bem, exercito a paz. Meu objetivo é sempre resgatar a dimensão humana dessas crianças.

Os/as alunos/as de classes populares convivem diariamente com situações de morte violenta, por esse motivo a Escola deve fazer muitos momentos de festa para celebrarmos a vida, pois nos momentos de celebração impera a alegria e dessa forma a paz sempre se instaura. Além disso, nosso esforço deve procurar ser no sentido de que eles e elas aceitem esses fatos com indignação sem revolta, porém jamais com resignação.

A seguir, vou relatar dois exemplos que ilustram bem, “ontem e hoje”, caminhos trilhados no sentido da educação para a paz. São fatos da nossa realidade brasileira, porém a mídia não divulgou. Fica para refletirmos o porquê.

⊕ *“Na fazenda Annonni, em 1982, no Rio Grande do Sul, mais de duas mil famílias haviam ocupado o grande latifúndio improdutivo. Após muitas pressões, um Juiz de Direito tinha concedido a reintegração de posse, autorizando o despejo das famílias. Foi avisado que eles deveriam se retirar até às 6h do dia seguinte, senão seriam retirados à força. As crianças do acampamento se reuniram e tiveram a idéia de entregar flores aos soldados que viessem expulsá-las e assim foi feito. Os soldados profundamente emocionados não conseguiram cumprir a ordem. Dessa forma, os Sem Terra conquistaram a fazenda que hoje é um dos mais belos exemplos do ensaio de Reforma Agrária no Brasil.”(Texto Base das CEBS/julho de 2005/p.194)*

⊕ *Durante a semana de 18 a 23 de julho de 2005, tive a oportunidade de participar do XI Intereclesial das CEBS em Ipatinga-MG. Convivi com Comunidades de Base do Brasil inteiro e vivenciei a cultura popular pela paz. Pessoas do Brasil que acreditam e agem na construção de um mundo possível, mostrando que para fazermos algo não é necessário ter formação acadêmica, mas é preciso termos consciência crítica da realidade que nos cerca e vontade política para mudá-la, de modo que atenda as prioridades da maioria. Voltei de lá mais convicta de que a paz é construída diariamente por cada um de nós.*

A paz reinará no momento que tomarmos consciência da necessidade de nos organizarmos, buscarmos parcerias, pois ela é de responsabilidade nossa. A Educação em Direitos Humanos na escola de Educação Básica articula às diferenças de gênero, étnicas, geracionais, de orientação sexual, religiosa e política, articulando as dimensões cognitivas (o pensar e o processo de construção e apreensão do conhecimento), subjetivas (o modo de sentir individual e coletivo) e as práticas individuais, sociais e institucionais (as atitudes, os comportamentos individuais e grupais, as relações e as ações institucionais). Cabe à escola de Educação Básica, já que a maior parcela da população não vai além dessa, o compromisso social de despertar os seus alunos para essa tomada de consciência na busca da tão merecida paz.

¹ Andréa é professora da 3ª série do Ensino Fundamental na E.M. Luiz Delfino e do Centro Popular Stella Maris. É graduada em História, com especialização lato sensu em História do Brasil.

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Tradicionalmente, setembro é o mês que antecede a ida de eleitores/as brasileiros/as às urnas. Este ano, mesmo sem eleições para mandatos municipais, estaduais ou federais, estaremos exercendo nosso direito de voto. O plebiscito para pronunciamento popular quanto ao Estatuto do Desarmamento (Lei nº 10.826/03, em vigor desde 23/12/03), regulamentado em 2004 (Decreto nº 51233/04) se aproxima. É hora de nos empenharmos por sua aprovação. Por isso a ele é dedicado o “Participe”.

Dentre as proposta de trabalho, sugerimos, como não poderia deixar de ser, atividades que trazem esse tema para o interior da escola como um todo e a sala de aula em particular. A “passeata em favor da paz” também é retomada.

Desta vez, a seção “Temos direito” cede seu espaço para um lembrete importante. Confira.

Em “Para refletir”, trazemos o texto de uma colega nossa. Andréa é professora da E.M. Luiz Delfino, escola cuja parceria com a Novamerica vem de longe! Prazerosamente inauguramos essa participação no DDHH em sala de aula. Que muitos/as outros/as autores/as venham a escrever nossa última página.

Com setembro no calendário, a primavera está no ar. As flores estão de volta, colorindo e perfumando ruas, praças e jardins. As flores estão de volta, especialmente, para homenagear a todas as mulheres (adultas ou meninas), a todos os homens (adultos ou meninos), que “ainda fazem da flor seu mais forte refrão e acreditam nas flores vencendo o canhão” (Vandré). Nós fazemos coro com eles e elas. Firmemente.

A equipe

Fotos:

Alexandre Firmino

Composição Gráfica

Companhia Visual Manteca

Apoio

fundación santa maría

Fons Català de Cooperació al Desenvolupament



Entre nessa, abrace esta luta!

SETEMBRO

Datas Significativas

03 Dia da Juventude Brasileira

10 Dia da imprensa e Dia do Jornalista

16 Dia Internacional da Paz

● Proclamado pela ONU em 1981, é um dia especialmente dedicado à comemoração e ao fortalecimento dos ideais da paz em cada nação, cada povo, e entre povos e nações. Uma data para lembrar e transformar em cotidiano.

17 Dia da Compreensão Mundial

23 Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

Participe

Aproxima-se o plebiscito referente ao Estatuto do Desarmamento. Participe.

Contribua para sua aprovação popular, por esmagadora maioria!

“Se quisermos construir uma sociedade em que a violência seja repudiada, é necessário que o olhar das autoridades esteja voltado à educação, pois é aí que se deve iniciar o processo de pacificação”.

Cléo Fante